

Trabalho e cotidiano em Lukács: a peculiaridade do reflexo artístico

Work and everyday life in Lukács: the peculiarity of artistic reflection

Trabajo y cotidiano en Lukács: la peculiaridad de la reflexión artística

DOI: 10.54033/cadpedv21n13-487

Originals received: 11/27/2024

Acceptance for publication: 12/17/2024

Antonio Nascimento da Silva

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Endereço: Quixadá, Ceará, Brasil

E-mail: toimnasi@gmail.com

Betânia Moreira de Moraes

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Endereço: Fortaleza, Ceará, Brasil

E-mail: betania.moraes@uece.br

José Deribaldo Gomes dos Santos

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Endereço: Fortaleza, Ceará, Brasil

E-mail: deribaldo.santos@uece.br

Karollynne Dantas Barbosa

Mestranda em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Endereço: Limoeiro do Norte, Ceará, Brasil

E-mail: karollynne.dantas@aluno.uece.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo precípua problematizar a relação que o cotidiano guarda com algumas das principais categorias utilizadas por Lukács para edificar sua *Grande Estética*. Nosso intuito é afrontar as categorias que compõem a peculiaridade do reflexo artístico. A pesquisa é de natureza teórico-bibliográfica, baseada nas obras *Para a ontologia do ser social* e a *Grande*

Estética de Georg Lukács. Para alcançar nosso objetivo, iniciamos com a análise do trabalho, solo no qual se estrutura a vida cotidiana, bem como as objetivações superiores. Nesse esforço, nos debruçamos ainda sobre categorias como a teleologia, reflexo, mimese, analogia, inferência analógica, dentre outras. Da investigação, conclui-se que o cotidiano é o solo onde se desdobra a práxis humana, ou seja, é o terreno comum das atividades humanas superiores. É a cotidianidade que alimenta os reflexos científicos e artísticos, bem como as demais objetivações superiores. Tais reflexos, ao retroagirem sobre a forma de pensamento da vida cotidiana, enriquecem o modo sempre espontâneo de pensar dos sujeitos que agem no dia a dia.

Palavras-chave: Trabalho. Cotidiano. Reflexo. Objetivações Superiores. *Estética* de Lukács.

ABSTRACT

The main objective of this article is to problematize the relationship between everyday life and some of the main categories used by Lukács to construct his Grand Aesthetics. Our aim is to confront the categories that make up the peculiarity of artistic reflection. The research is of a theoretical-bibliographical nature, based on the works *On the Ontology of Social Being* and *Grand Aesthetics* by Georg Lukács. To achieve our objective, we begin by analyzing work, the ground on which everyday life is structured, as well as higher objectifications. In this effort, we also look at categories such as teleology, reflection, mimesis, analogy, analogical inference, among others. From the investigation, we conclude that everyday life is the ground on which human praxis unfolds, that is, it is the common ground of higher human activities. It is everyday life that feeds scientific and artistic reflections, as well as other higher objectifications. Such reflections, when they affect the way of thinking in everyday life, enrich the always spontaneous way of thinking of subjects who act in everyday life.

Keywords: Work. Everyday Life. Reflex. Superior Objectifications. Lukács' Aesthetics.

RESUMEN

El principal objetivo de este artículo es problematizar la relación que la vida cotidiana tiene con algunas de las principales categorías utilizadas por Lukács para construir su Gran Estética. Nuestro objetivo es confrontar las categorías que configuran la peculiaridad de la reflexión artística. La investigación es de carácter teórico-bibliográfico, basada en las obras *Para la ontología del ser social* y *La Gran Estética* de Georg Lukács. Para lograr nuestro objetivo, partimos del análisis del trabajo, el suelo sobre el que se estructura la vida cotidiana, así como las objetivaciones superiores. En este esfuerzo, también analizamos categorías como teleología, reflejo, mimesis, analogía, inferencia analógica, entre otras. De la investigación se concluye que la vida cotidiana es el terreno donde se desarrolla la praxis humana, es decir, es el terreno común de las actividades humanas superiores. Es la vida cotidiana la que alimenta las reflexiones científicas y artísticas, así como otras objetivaciones superiores. Tales reflejos,

al reaccionar sobre el modo de pensar en la vida cotidiana, enriquecen el modo de pensar siempre espontáneo de los sujetos que actúan cotidianamente.

Palabras clave: Trabajo. Cotidiano. Reflejo. Objetivaciones Superiores. La Estética de Lukács.

1 INTRODUÇÃO

Para adentrar na *Grande estética* de Lukács, é necessário passar por seu solo de nascimento: o cotidiano. É desse chão que surgem a ciência, arte, religião, ética etc. O terreno do dia a dia é também o receptor dos frutos produzidos por tais objetivações. Estas que, depois de se tornarem substantivas para a vida humana, desaguam na correnteza da forma de pensamento da vida cotidiana.

Compreender a *Estética* do marxista de Budapeste sem entender a relação que a arte mantém com as formas de pensamento da vida cotidiana é uma tarefa muito difícil, senão impossível. É na relação dialética entre o pensamento da cotidianidade e as formas superiores de reflexão que o pesquisador magiar constrói o edifício da estética marxista.

Para o autor, o cotidiano é o começo e, ao mesmo tempo, o fim de toda atividade humana. O marxista húngaro ilustra que, ao se comparar a cotidianidade com um grande rio, pode-se inferir que da cabeceira de onde saem as águas desprendem-se os elos que vão se constituir nos complexos da ciência, da arte, da religião, da ética, entre outras formas superiores de recepção e reprodução da realidade.

O entendimento adequado da relação entre as formas de pensamento da vida diária da humanidade e as formas superiores de pensamento, desprendida, por sua vez, da cotidianidade, portanto, é necessário para o devido tratamento da monumental *Estética* de Lukács.

O presente artigo, de caráter teórico e bibliográfico, tem como objetivo principal problematizar a relação que o cotidiano guarda com algumas das principais categorias utilizadas por Lukács para edificar sua *Grande estética*. Opta-se pelo ontométodo, dado que foi Lukács (2018a; 2018b) que sustentou

existir uma ontologia materialista em Marx. A utilização da ontometodologia justifica-se também por possibilitar a pesquisa científica o seguinte: que ela se oriente pelas pistas plantadas pelo próprio objeto, e não uma construção inicial do pensamento como tanto apregoa a concepção pós-moderna, hoje preponderante nos espaços acadêmicos.

Desse modo, a *Ontologia* e a *Estética* do autor húngaro servirão de ancoradouro para o presente artigo, que, por sua organização interna, será exposto nas seguintes seções: Introdução; Cotidiano e trabalho: solo das aspirações superiores da humanidade; Objetivações superiores e reflexo; Reflexo: elo entre o ser e a consciência; Imitação, evocação e meio homogêneo: a ação do reflexo mimético; e Considerações finais.

2 COTIDIANO E TRABALHO: SOLO DAS ASPIRAÇÕES SUPERIORES DA HUMANIDADE

O cotidiano é o solo onde se desdobra a práxis humana. É no transcorrer do dia a dia que a pessoa põe em ato sua atividade. Há, contudo, alguns obstáculos quando se busca compreender o cotidiano. Como indica Lukács (1966a), os estudos prévios sobre essa porção da realidade são escassos, o que reflete a negligência da epistemologia burguesa frente a esta importante dimensão da realidade. Além disso, a “dificuldade principal consiste talvez que a vida cotidiana não conhece objetivações tão fechadas como a ciência e a arte.” (Lukács, 1966a, p. 39).

Entre os traços que caracterizam o cotidiano, podemos destacar para efeito desta exposição o fato de que o trabalho é o mais próximo de uma posição científica nesse campo (Lukács, 1966a, p. 39). Marca também a vida cotidiana a imediatez entre teoria e prática, sem eliminar de modo algum a teleologia. Exemplos disso são facilmente observáveis no dia a dia, como no atravessar de uma avenida, no simples caminhar etc. Dessa relação imediata entre teoria e prática, resulta no predomínio do materialismo espontâneo no seio do cotidiano. Como aponta Lukács (1966a, p. 39), “o homem da vida cotidiana reage sempre aos objetos de seu entorno de um modo espontaneamente materialista [...]”.

A base que estrutura o solo da cotidianidade, o que fundamenta os desdobramentos da práxis humana, é a divisão social e técnica do trabalho. O trabalho é o intercâmbio entre o ser social e a natureza (Marx, 1996). Essa mediação entre o ser que trabalha e a natureza pertence exclusivamente à humanidade: “Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias” (Marx, 1996, p. 298). O que distingue, não obstante, “o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera” (Marx, 1996, p. 298). Ao final do processo de trabalho, o resultado conquistado revela-se como a consecução do que já, desde o início, existia idealmente na imaginação de quem trabalha, em nosso caso, o arquiteto.

Marx (1996) anuncia a categoria ontológica central do trabalho: a teleologia. Como relembra Lukács (2018b, p. 12): “através do trabalho é realizada uma posição teleológica no interior do ser material como o nascimento de uma nova objetividade”. Para o filósofo húngaro, em Marx (1996), fica aclarado definitivamente que o nascimento de uma nova objetividade se realiza sobre uma posição de finalidade, isto é, monta-se uma cadeia de elos sucessivos em que o trabalho é o desencadeador da corrente. Sem o trabalho humano é impossível a novidade. A produção incessante do novo é o que caracteriza a vida humano-social.

O novo, no entanto, não se produz sem que a materialidade concreta seja adequada ao plano traçado na mente de quem trabalha. Não adianta ter uma ideia avançada, uma teleologia progressista, sem que haja uma causalidade material que lhe comporte, daí a prioridade ontológica do fator objetivo.

A teleologia realiza-se por meio do trabalho desde que encontre uma causalidade que a torne possível. Sem a síntese entre a ideia subjetiva e a causalidade encontrada na materialidade concreta, a ideia não se objetiva. Continua como ideia, mesmo que avançada e necessária ao progresso humano. Pensemos nos exemplos de Ícaro e Leonardo da Vinci. Ambos idealizaram voar. Santos Dumont foi quem encontrou a base da materialidade histórica adequada para realizar o ato de voar.

Se se pudesse usar apenas uma expressão, poder-se-ia dizer o seguinte: por meio da objetividade, produz-se a realização da finalidade teleologicamente posta pelo sujeito. Sem a concretude material adequada, uma ideia não se realiza, permanece ideia. Apenas por meio da objetividade, possível pela ação do trabalho que sintetiza de um lado a teleologia do sujeito trabalhador e, de outro, a causalidade da materialidade histórica, é permitida a sucessiva criação do novo. Pelo trabalho realiza-se uma finalidade que concretiza uma nova objetividade.

A formulação dada por Lessa (2015) resume bem esse processo. Segundo o intérprete brasileiro, quando o sujeito concretiza na prática determinada teleologia, materializa sua ideia por meio de certo objeto: a intenção teleológica adquire forma concreta ao objetivar-se como a finalidade anteriormente planejada. A objetivação sempre considera a transformação de um setor da realidade, é denominada por Lukács e explicada por Lessa (2015, p. 23) como o “processo que articula a conversão do idealizado em objeto [...]”. Como conclui esse intérprete: “o objeto socialmente posto é subjetividade objetivada [...]” (Lessa, 2015, p. 25). Isso quer dizer o seguinte: o objeto posto apenas pode adquirir importância social pela objetivação que, por sua vez, segue uma posição de finalidade, uma teleologia.

Assim, o produto objetivado não pode ser idêntico ao sujeito que o planejou idealmente, daí a recusa marxiana da identidade objeto-sujeito, ser-consciência. Também por isso, escrevemos o par relacional objeto-sujeito com o objeto em primeiro termo, dado que a prioridade recai sobre a objetividade do ser, e não sobre a interpretação do sujeito sobre o objeto. Quer dizer, o objeto existe com suas determinações do ser, autonomamente em relação ao que pensamos sobre ele, independentemente de nossa capacidade intelectual de apreensão da realidade.

Agora é necessário debatermos como ela se realiza a objetivação. Ela é produto de uma relação entre opostos: de um lado, o objeto e, de outro, o sujeito. Deste lado sai a ideia que pleiteia um resultado, uma finalidade; daquele, existe o ser material que se opõe ao sujeito idealizador.

Ela (objetivação) se opõe à intenção subjetiva, dado que não é a ideia, senão a tentativa objetiva de correção do resultado sinteticamente contraditório entre objeto e sujeito. O produto dessa união sintético-contraditória, portanto, sempre será fruto de uma interação, de uma articulação dialética entre opostos: objeto material que possibilita ou não a concretude da ideia e o sujeito que idealiza uma finalidade. Em um lado, o ser composto por sua materialidade histórica e, em outro, a consciência que planeja um resultado.

O processo de transformação consciente da natureza retroage sobre o indivíduo que a realiza, dotando-o de conhecimentos e habilidades. Esse movimento é denominado por Lukács (2018b, p. 359) de exteriorização: “todo ato de objetivação do objeto da práxis é, ao mesmo tempo, um ato de exteriorização do sujeito”, ou seja, “objetivação e exteriorização são produtos ontológicos de um ato unitário” (Lukács, 2018b, p. 361). Sendo assim, exteriorização é aquilo que retroage sobre o sujeito ao realizar a práxis, como formação de habilidades e construção de sua personalidade.

Na “objetivação, o que pensamos do mundo se exterioriza e se confronta com o mundo objetivo” (Lessa, 2015, p. 467). O resultado sintético desse processo pode ser descrito do seguinte modo: quando novos conhecimentos e novas habilidades são produzidos, criam a possibilidade para que os indivíduos possam transformar a própria existência material. Isto porque são dotados, pelo ato do trabalho, para adquirir sempre novas habilidades e conhecimentos sobre a materialidade histórico-social do mundo concreto.

Essa contradição entre ser e consciência, entre objeto e sujeito, entre matéria e ideia, evidencia que o **elo** responsável pelo processo do conhecimento também tem natureza contraditória. O **nexo** que potencializa no ser social o conhecimento do mundo que o circunda é exatamente essa contraditória síntese. Disso decorre que, para que haja a produção do conhecimento, é necessário respeitar a distinção entre objeto e sujeito, entre ser e consciência, entre causalidade e teleologia.

3 OBJETIVAÇÕES SUPERIORES E REFLEXO

O reflexo é o **elo** entre o objeto e o sujeito que trabalha. Desse modo, para que haja a reprodução do ser humano, com suas objetivações básicas e, portanto, no mesmo nível social existente até então, é indispensável a síntese contraditória entre ser e consciência, entre objeto e sujeito. Essa síntese é mediada pela ação do reflexo. Para que ocorra a reprodução social da humanidade em um patamar mais desenvolvido, no âmbito das objetivações superiores (ciência e arte, por exemplo), do mesmo modo, é o elo de síntese (o reflexo) que proporciona a mediação entre o mundo e a consciência subjetiva.

Ressalta-se que a distinção entre objetivações básicas e superiores não tem relação com mais ou menos importante. As objetivações básicas surgem em estágios muito iniciais da forma de vida humana, concomitantemente ao trabalho, conforme evidencia Lukács em sua *Ontologia*, sejam elas: trabalho, linguagem, cooperação, divisão do trabalho e, acrescentamos, a educação, em sentido lato. Por sua vez, as objetivações superiores requerem determinado desenvolvimento da divisão social e técnica do trabalho para seu surgimento; elas nascem em um momento da evolução humana no qual é possível ao ser social se separar do processo de trabalho, ainda que essa independência seja sempre relativa.

Para que haja a reprodução do ser social, na esfera das objetivações básicas ou superiores, há a necessidade da ação do reflexo, que funciona como um elo de síntese entre matéria objetiva e sujeito pensante. Por essa razão, o reflexo é o responsável pela construção do conhecimento no sujeito que pensa, haja vista que o conhecer não é um problema do ser, e sim da consciência, a qual precisa aproximar-se o máximo possível daquele.

Marx (1996), no entendimento de Lukács (2018a), põe no centro da problemática do conhecimento o reflexo. É esse elo de síntese que, em relação dialética com a objetividade real, proporciona ao sujeito humano adquirir e acumular conhecimento. Para o esteta magiar, não se deve negligenciar a importância desse elo. Caso haja negligência, inevitavelmente, produzem-se determinadas confusões entre a realidade objetiva e o reflexo imediato que a

realidade envia ao sujeito que tenta conhecê-la. Não nos esqueçamos que o reflexo é um elo. Ele nem é a objetividade, tampouco a consciência, senão a síntese desses dois polos contraditórios. Quer dizer, “Que este [ser], quando é aproximadamente fiel, obtenha uma objetividade cognoscitiva não toca essa questão ontológica [...], de que o reflexo, sob circunstâncias concretas determinadas, cujo tipo, limites etc. dependem do respectivo ser social, pode contribuir ativamente para causar novos estados de fato ontológicos na sociedade” (Lukács, 2018a, p. 327).

Um processo de objetivação, para ser exitoso, precisa que o sujeito domine, mesmo que aproximadamente e com o conhecimento efetivo que dispõe até então, o setor da realidade que pretende transformar. Após esse processo de aproximação a partir do idealizado, o conhecimento do sujeito que põe a finalidade amplia-se. Isso se explica pelo resultado conquistado com a finalidade planejada. Independentemente se exitoso ou não, o resultado faz retroagir sobre a pessoa que trabalha, pelo processo que Lukács (2018b) chama de exteriorização, determinado conhecimento sobre o que acaba de produzir.

Explicado como se processa a relação entre o ser e a consciência, entre o objeto e o sujeito no processo de objetivação, vejamos como Lukács (2018b, p. 381) define objetividade: “[...] intenção do pensamento ao em-si dos objetos e suas conexões, não adulterado por ingredientes subjetivos, projeções, etc., à qual a qualidade pertence tanto quanto a quantidade”.

Esclarecemos que as formas básicas de objetivação da vida cotidiana, a exemplo do trabalho e da linguagem, apresentam “essencialmente em muitos aspectos o caráter de objetivações” (Lukács, 1966a, p. 39). Como entende nosso esteta, “o modo de comportamento dos homens [e das mulheres] depende essencialmente do nível de objetivação de sua atividade”. Isso porquê o pensamento da vida cotidiana não pode desenvolver sua forma espontânea de pensar, sem que opere sobre essa espontaneidade as autênticas objetivações (Lukács, 1966a, p. 74).

É impossível ao pensamento cotidiano existir e se desenvolver sem objetivações. Depois, as formas básicas de objetivação, a exemplo do trabalho e da linguagem, permeiam todo o tecido da cotidianidade. Por fim, as formas de

pensamento da vida cotidiana são espontâneas. Logo, precisamos agora relacionar as formas básicas de pensamento, que se expressam espontaneamente no pensamento cotidiano, com as formas superiores de objetivação, a exemplo da ciência e da arte.

Quem pode garantir que determinado complexo humano se converteu em objetividade superior, naturalmente, é o comportamento do sujeito vivente da cotidianidade. Quando todas as faculdades desse sujeito exigem a produção de um comportamento humano distinto do vivenciado no cotidiano, passa a ser coproduzida pelos próprios viventes determinada orientação para que sejam cumpridas todas as legalidades nascidas e cobradas no mundo pelas objetivações superiores. É na dialética de brotar, de surgir, de germinar na espontaneidade da vida cotidiana, que se confirma a existência da produção de um comportamento humano diferente do vivido na correnteza da cotidianidade.

Esse comportamento diferenciado é tomado pelas objetivações superiores, a exemplo da ciência e da arte, mas também da religião e da ética. Nunca é demais repetir: é por meio do trabalho que o ser humano desenvolve a potência do novo. Pela natureza dessas novidades, produzem-se também novas demandas postas à humanidade. É assim que, por exemplo, complexos que cobram objetivações superiores, como a ciência e a arte, alçam-se à condição de cumprirem tais exigências. Depois que esses complexos se tornam substantivos para a humanidade, voltam a desaguar suas potências na corrente sanguínea da vida cotidiana.

Lukács (1966a; 1966b; 1967a; 1967b) adverte que há entre essas formas superiores de pensar e o trabalho a seguinte interconexão: uma independência e uma autonomia relativas que, por intermédio de um processo de reciprocidade dialética, mantém com o trabalho uma inextricável ligação. Ademais, na relação entre as objetividades superiores e o trabalho, a prioridade ontológica, repetindo, é do trabalho, uma vez que ele possibilita o surgimento delas.

4 REFLEXO: ELO ENTRE O SER E A CONSCIÊNCIA

O pressuposto principal para iniciar a discussão sobre a importância do reflexo para a *Estética* do marxista húngaro é o seguinte: “Se quisermos estudar o reflexo da vida cotidiana, na ciência e na arte, nos interessando por suas diferenças, teremos que recordar sempre claramente que as três formas [ciência, arte e cotidiano] refletem a mesma realidade” (Lukács, 1966a, p. 35).

O reflexo é a tentativa consciente de captação da realidade (Lukács, 1966a). Ele é a representação, na consciência do sujeito, da realidade. O reflexo é a imagem do real refletida subjetivamente pela consciência. É, portanto, a imagem projetada na consciência do ser real. É preciso advertir, contudo, que o objeto é diferente do sujeito, do mesmo modo como o ser é distinto da consciência.

“[...] no reflexo da realidade, como pressuposto para a finalidade e o meio do trabalho, é consumada uma separação, um destacar, do ser humano de seu entorno, um distanciamento claramente mostrado no estar-contraposto de sujeito e objeto”. (Lukács, 2018b, p. 30).

O ser real, como diria Hartmann (1954), é indiferente ao sujeito pensante, o conhecimento é um problema do pensamento, não da concretude do objeto real. O sujeito pensante, este sim, tem, sob o risco de perecer, que se interessar para, no pensamento, refletir o mais adequadamente possível à realidade.

Isso não significa, como quer o pensamento pós-moderno, que não existe verdade. Para que uma objetivação se realize, precisa-se captar a realidade o mais próximo de sua veracidade possível. O que não conseguimos é apreender a imensidão da riqueza de elementos condicionantes de uma dada realidade em sua totalidade, até porque ela se encontra em constante movimento. Quando se capta o momento histórico, o fenômeno já se move enriquecendo a realidade. A realidade é sempre mais complexa do que nossa mente pode alcançar (Lukács, 2018b). A realidade existente, entretanto, independe da consciência subjetiva.

Lukács (2018a, b), com base em Marx (1996), afirma que devemos colocar o reflexo dialético da realidade objetiva como ponto central do conhecimento humano. Sendo isso negligenciado, surge inevitavelmente uma

permanente confusão da realidade objetiva e seu – ontologicamente considerado –, sempre subjetivo, reflexo imediato (Lukács, 2018a, p. 327). Para o autor, repetindo, o reflexo, para que a intenção subjetiva tenha êxito, deve ser o mais aproximadamente fiel à realidade.

O ser social, no plano ontológico, é a subdivisão sintética de dois momentos heterogêneos e contrapostos entre si, dado que, de um lado, temos o ser objetivo e, do outro, seu reflexo na consciência subjetiva. Na esfera do ser social, produz-se uma dualidade entre ser e consciência, havendo, no entanto, um fato fundamental, a prioridade ontológica daquele sobre esta. O fundamento da tendência evolutiva dos reflexos encontra-se, precisamente, na mobilidade e no distanciamento da síntese contraditória entre o ser e a consciência. O distanciamento e a mobilidade são condicionados, por sua vez, pela interação entre o objeto e a recepção subjetiva (Lukács, 2018b).

As palavras do filósofo marxista aclaram a necessidade de compreender, o mais aproximado possível, a realidade concreta:

[...] o fato de que a adaptação ativa ao mundo ambiente não tenha conduzido a nenhum declínio da humanidade mas, ao contrário, a uma expansão, tanto extensiva quanto intensiva, de seu poder de ação (ainda que, isto, muitas vezes, possa nos parecer tão problemático) pode exibir como prova que a linha geral do domínio da realidade pelos seres humanos se baseou, no mínimo, em reproduções intelectuais amplamente corretas (relativamente corretas) e que o conhecimento post festum dos conhecimentos científicos que visavam a essa correteza, apesar de toda relatividade, confirma que os seus resultados mostram a realidade dessas conexões (Lukács, 2018b, p. 304).

O autor sugere que é uma futilidade problematizar se, de fato, o pensamento humano pode ou não reproduzir na consciência o ser real, a realidade concreta:

Claro que toda objetividade contém um número infinito de determinações e o tipo de suas interações nos processos ontológicos expressa, evidentemente, as consequências de tal situação. É por isso que, como constatou Marx, todo conhecimento é apenas uma aproximação mais ou menos ampla ao objeto. E os meios espirituais e materiais dessa aproximação são determinados pelas possibilidades objetivas da respectiva socialidade. Em todo o conhecimento pode tratar-se, portanto, tanto subjetiva, quanto objetivamente, apenas de aproximações (também relativas). Mas, como as constelações objetivas, das quais brotam tanto as perguntas quanto as respostas,

são determinadas pelo desenvolvimento objetivo que também produz a base ontológica de todo ser humano singular, as relatividades ali contidas, um tanto frequentemente, recebem imediatamente, para os que com elas convivem, um caráter absoluto, o qual pode ser fixado como absoluto ou por outro lado, ultrapassado como relativo, pelo patamar de desenvolvimento objetivo, pelas condições do seu movimento (Lukács, 2018b, p. 304).

Por meio do trabalho o objeto, para ser conhecido, estabelece com o reflexo uma relação em constante e ineliminável dialética. Tal articulação desenvolve-se sob a dualidade que subjaz a relação objeto-sujeito. Mesmo em processos em que as mediações sobre o trabalho sejam bem mais amplas, como no caso do modo de produção do capitalismo já desenvolvido, a dualidade entre o objeto e o sujeito não pode apagar o fato de que o reflexo é determinado pelo objeto, e não pela vontade subjetiva do sujeito que pensa.

O reflexo como elo do conhecimento, como nexos que liga o mundo objetivo ao sujeito, possibilita a construção dos sistemas de mediação. O próprio reflexo é um sistema primário de mediação. Com base nele, desdobram-se outros sistemas mediadores.

Isso leva à exposição ao estudo da analogia e de suas inferências analógicas que, por sua natureza, são sistemas de mediação. Com o surgimento dos sistemas de mediação, nascidos da elaboração articulada do reflexo, o sujeito ganha um componente que lhe auxilia na compreensão da realidade e, conseqüentemente, dota-o com uma melhor condição de atuar sobre o real. Os sistemas de mediação são formados por reflexos que potencializam o ser social na condição de compreender melhor a realidade à sua volta. Para nosso autor, com base no trabalho e na conseqüente produção de reflexos, surgem sistemas que dotam o vivente da condição de interagir com a matéria, cujo intuito é a transformação da realidade.

A analogia é uma das formas originais de mediação: é um sistema de mediação cuja ação tem forte influência no modo de pensamento da vida cotidiana. Na cotidianidade, a analogia age, predominantemente, no enlace e transformação do reflexo imediato da realidade objetiva que chega ao vivente. É peculiar ao pensamento analógico a dificuldade de se desligar do pensamento cotidiano; é de seu caráter funcionar sem separar teoria e prática.

Conforme o dicionário de filosofia, analogia é “[...] o sentido de extensão *provável* do conhecimento mediante o uso de semelhanças genéricas que se podem aduzir entre situações diversas [...]” (Abagnano, 2012, p. 58 – itálico do original). Essa definição ajuda a compreender que o reflexo analógico se relaciona com a capacidade intelectual de representar mentalmente a partir de comparações com algo já memorizado. A analogia, embora nunca tenha desaparecido da maneira de pensar da humanidade, guarda muitos limites. O desenvolvimento social logrou outras formas de pensamento, dado que o pensamento analógico, por seu caráter imediato, pode induzir a equívocos. Como exemplo do limite da analogia, podemos ilustrar o caso de uma criança que aprende a identificar um cachorro por ele ser quadrúpede. Posteriormente, a criança, ao ser apresentada a um cavalo, por analogia, pode ser levada a acreditar que o equino venha a ser um cão pelo fato de ambos os animais, na imediatez, apresentarem a característica de andarem sobre quatro patas.

Mesmo operando sem distinguir entre teoria e prática, pela natureza mediadora do pensamento analógico, ele é decisivo no modo de vida das comunidades primitivas. A analogia como sistema de mediação, sobretudo no período mágico, consegue um grande domínio sobre as formas de comunicação. Pela importância desse sistema mediador para as comunidades primitivas: é “[...] de conhecimento geral que a **primeira categoria da ordenação das ideias e do domínio sobre a realidade objetiva** é a analogia” (Lukács, 2018b, p. 659 – grifos nossos).

A inferência analógica, por sua vez, é um desdobramento do processo de analogia. Depois que o ser social primitivo se depara com determinado fenômeno, em primeira instância, é a analogia que o auxilia na compreensão do evento. Em seguida, com suporte na mediação possibilitada pela analogia, o sujeito primitivo organiza no pensamento certas inferências. Lukács (1966a) denomina esse processo conclusivo de inferências analógicas.

Analogia é o modo de compreensão primário que o sujeito humano usa para se mover na realidade. Por exemplo, ao se deparar com a aproximação de um ônibus, antes de ler seu letreiro, por meio da análise das cores, tamanho, forma, entre outros caracteres do transporte, a pessoa, por analogia, fica atenta

pois este pode ser o automóvel que lhe conduzirá a seu destino. Quando o ônibus se aproxima e é possível ao passageiro que o espera ler no letreiro o destino, ou uma numeração correspondente ao percurso do transporte, a pessoa que espera o automóvel tem elementos para concluir se este é de fato sua condução, ou se ele não o é. Essa conclusão, para Lukács, é uma inferência analógica, ou seja, com base na analogia, o primeiro momento da análise cotidiana, o ser social tem como tirar conclusões posteriores, fazer inferências analógicas, o momento seguinte da análise.

Embora pareça que são dois momentos distintos, a analogia e as inferências analógicas compõem um sistema de mediação unitário, sem separação rigidamente mecânica entre os dois momentos.

As analogias e as inferências analógicas, perante a necessidade de tomar uma decisão na imediatez da vida cotidiana primitiva, agem como as ferramentas intelectuais, imaginativas, emocionais e espontâneas que o ser social primitivo possui para agir sobre o mundo. Esses sistemas de mediação, portanto, compõem o instrumental intelectual com o qual o agente humano atua, principalmente, no modo de produção primitivo.

O esteta magiar entende que elas funcionam como sistemas de mediação (como um reflexo inicial da realidade que ocorre antes de se tornar mais complexo), pois são essencialmente uma espécie de “[...] trampolim para a formação de categorias reais [matemática, por exemplo], que expressam realmente o comportamento, as conexões etc., do mundo material” (Lukács, 2018b, p. 410). Para nosso autor, “os resultados mostram imediatamente se e quanto um analogismo que tem imediatas consequências materiais corresponde a algo na realidade, ou não” (Lukács, 2018b, p. 410).

Importante deixar registrado que o tipo de pensamento analógico e suas formas inferenciais, que realizam-se por meio da analogia, não desaparecem nos modos de produção que requisitam configurações de pensamento mais desenvolvidas, como no capitalismo. Esses sistemas de mediação nunca deixam de operar na articulação entre o ser e a consciência pensante, entre o objeto e o sujeito que tenta conhecer a realidade concreta.

5 REFLEXO MIMÉTICO: EVOCAÇÃO, MEIO HOMOGÊNEO E IMITAÇÃO

O reflexo mimético é o primeiro elemento pelo qual a arte se ergue. Adverte-se, com isso, que as analogias e suas inferências analógicas sozinhas não compõem a reflexão artística, contudo, como elas compõem o reflexo da realidade, são parte constituintes dos reflexos artísticos. A analogia é, com efeito, um tipo de mimese. Assim como a analogia, a mimese é uma forma de reflexo. Artisticamente pode ser dito que a mimese é um reflexo enriquecido. Ao enriquecer-se, a mimese transforma-se em **evocação** de algo real e concretamente presente na vida humana.

A evocação é um reflexo de um reflexo: é um processo consciente, portanto subjetivo. Ela tem como função conectar, em um sujeito humano, determinado dado mimetizado do real e o que esse fato representa na vida humana. De modo abreviado, pode ser dito que psicologicamente, a evocação é o movimento da memória para relembrar algo já fixado na consciência.

O evocado esteticamente, com efeito, nasce ao longo de um complexo, largo e contraditório caminho. A arte tem nascimento nos movimentos dos modos de comportamento das ocupações cotidianas entre homens e mulheres e suas relações dialéticas com a natureza e a sociedade. Na intensidade e extensividade desse tráfego processado no interior dessas relações, são produzidas certas imitações, cuja mimese cobra certa evocação. A partir desse ponto, a evocação exige que o ser social dê respostas aos resultados do que lhe foi evocado, isto é, ao que a evocação relembra: conecta-o a alguma lembrança.

A mimese e sua inextricável vinculação com a evocação, portanto, é um fator básico do tráfico cotidiano das mulheres e dos homens entre si, e destes com a natureza e com a sociedade. Esse vínculo de extrema proximidade apresenta, com base na divisão social e técnica do trabalho, como o fundamento para desenvolver esteticamente os sentidos humanos.

Quando assinalamos que a mimese artística é um reflexo enriquecido da realidade, temos como suporte o entendimento de que essa classe mimética cria determinado meio homogêneo que, por sua força depuradora, filtra o modo de aparição dos fenômenos que surgem na forma de pensamento da vida cotidiana.

De modo sumário, cada arte e cada estilo em particular possuem seu meio homogêneo específico, sua expressão, sua “linguagem”.

O meio homogêneo tem como função lapidar as impurezas do cotidiano, filtrar a heterogeneidade da vida cotidiana. Ao realizar a mediação entre o sujeito humano e as impurezas típicas da heterogeneidade do pensamento cotidiano, esse meio consegue filtrar os elementos heterogêneos dessa forma de pensar. Produz-se determinada lapidação no modo de pensamento da vida cotidiana. Esse lapidar acaba por ser o sustentáculo das categorias estéticas (Lukács, 1967a).

Como resultado, a percepção do que não pode ser explicado com o logicismo das palavras ganha, por meio dessa lapidação, uma sensível explicação, porém uma explicação de ordem distinta da linguagem silogístico-gramatical. Em uma expressão: o meio homogêneo artístico, que é a “linguagem” de cada arte de que se trate, comunica seus objetos distintamente do modo como o silogismo gramatical expõe seus objetos.

Usando as palavras de Lukács (2018a, p. 255) sobre a diferença entre a mimese artística e a geral, pode-se dizer, “que a mimese estética sempre cria um ‘meio homogêneo’ (p. ex., o da pura visibilidade etc.) com cuja ajuda todos os objetos do reflexo são qualitativamente colocados em um mesmo plano”. O funcionamento deste filtro lapidador opera do seguinte modo:

[...] sua homogeneidade assim alcançada intensifica, ao mesmo tempo, sua própria substância e faz todas as relações mais ricas e essenciais do que, por princípio, a realidade sempre heterogênea jamais poderia; com isso essa aplicação aparente da realidade imediatamente dada ao material de uma “segunda imediatez” conduz de volta, enriquecidamente, às suas essências. Com isto deve apenas ser indicado o poder de intensificação do meio homogêneo como forma objetivada da mimese (Lukács, 2018a, p. 255).

A análise mimética para ser adequadamente tratada, precisa, como abstração razoável, apreender o seguinte: a aparência imediata do cotidiano é frequentemente produtora de muitas oscilações. Principalmente na análise do fator estético, há momentos de oscilante transição, o que dificulta, na aparência turva do fenômeno, decifrar o momento exato em que começa e/ou termina uma

espontânea ação cotidiana. Ou ainda, do ponto onde se inicia uma prática cientificamente dirigida ou artisticamente substantiva.

A evocação é o nexos de articulação entre o que é prioritariamente cotidiano e o que ganha tendência artística. Em todos os animais superiores se verifica algum tipo de mimese derivada diretamente da imitação. Apenas o ser social, contudo, avança da mimese para a evocação. Esses pressupostos são importantes, dado que Lukács (2018a, p. 452) utiliza a mimese exatamente em seu sentido clássico, isto é, como uma derivação da imitação:

A filosofia grega, devido à sua espontâneo-ingênua genialidade ontológica e dialética, sustentava a mimese como um fato fundamental do domínio humano, intelectual bem como vivencial, da realidade. Que suas concretas interpretações frequentemente estão ultrapassadas conecta-se a circunstâncias históricas, entre outras ao não desenvolvimento das ciências de então, embora isso não diminua nem um pouco a manutenção da validade das teorias da mimese de Aristóteles também para hoje. Apenas o pensamento metafísico-mecanicista do período moderno – antes de tudo o materialismo vulgar de meados do século 19 – gradualmente degradou a mimese a uma imitação fotográfica da realidade. A reação da filosofia idealista a tal – do ponto de vista da mimese corretamente apreendida – simplificação inadmissível e distorcida foi uma rejeição geral de toda mimese, o que se tornou, para todo filósofo digno de sua profissão, especialmente no kantismo, um credo, um axioma que não necessita de nenhuma prova.

A mimese não é, contudo, um produto exclusivo da arte. No caso da estética, produz-se uma refiguração artística do imitado, ou seja, refigura-se artisticamente o que é mimetizável na realidade. A arte, portanto, somente pode se erguer tendo como base o processo mimético-evocativo.

É preciso deixar claro que o estudo da mimese não é importante apenas para a estética. Na atualidade, a filosofia de escritório que ocupa os corredores acadêmicos, contudo, quase sepultou totalmente a investigação da mimese. Como faz questão de registrar o marxista de Budapeste, em função desse desaparecimento nas pesquisas sobre a realidade, a mimese “[...] existe apenas como uma teoria incorreta da representação fielmente fotográfica da realidade” (Lukács, 2018a, p. 454). Embora esteja claro em nossa exposição, vale insistir que uma representação mecânico-fotográfica da realidade, como essa projetada pelo idealismo positivista, “[...] não existe em parte alguma, seja dito de

passagem, exceto nas diversas formas do próprio fotografar, certamente não como um ato humano de apreensão da realidade” (Lukács, 2018a, p. 454).

O processo de imitação por analogia é fruto das relações humanas, da interação ser social-natureza-sociedade. Esse tipo de reflexo mimético, processado nas comunidades primitivas, para dar um exemplo, tinha muito mais centralidade para tal comunidade do que tem hoje nas sociedades capitalistas. Isso não autoriza concluir que atualmente a analogia, como sistema primário de mediação, tenha perdido sua importância.

Para arrematar, podemos repetir o seguinte: a mimese é um tipo de reflexo que, por sua natureza, desprende-se da imitação. O reflexo mimético não é exclusividade da arte, pois o cotidiano é prenhe de mimetismo. A estética enriquece o reflexo produzido pela mimese. No complexo da arte, o reflexo mimético-evocativo ganha uma área de manobra, um arco de jogo e ludicidade onde pode se desenvolver até encontrar a subjetividade artística.

Fora da base possibilitada pelo trabalho e por seus resultados, não faz sentido falar em reflexo mimético que expressa determinada imitação. Sem o trabalho, o máximo que a imitação alcança, como no caso de alguns animais superiores, é um processo mimético adequado a um epifenômeno, jamais uma imitação humano-social: nunca uma mimese-imitativa que atinge o caráter de evocação.

Os resultados fixados na consciência subjetiva do sujeito pensante, logrados com a atuação desses processos de mediação, não podem, jamais, ser entendidos como reproduções mecânicas de cópias fotográficas que recriam a realidade no pensamento subjetivo. Contra esse mecanicismo abstrato, arguimos que os atos humanos são orientados pelas finalidades postas pelo antropomorfismo do sujeito ponente. Em termos genéticos, é a reprodução social da vida guiada pelo princípio do trabalho, que decide, nunca mecanicamente, a eficácia final de tal processo. Essa orientação, concretamente teleológica do reflexo, é a fonte da força de sua fecundidade.

Quando comparado com o científico, o reflexo artístico surge tardiamente: pois o nascimento do reflexo da arte “supõe materialmente uma determinada altura da técnica, e, ademais, um ócio para a criação de ‘superfluidade’,

determinado pelo aumento das forças produtivas do trabalho” (Lukács, 1966a, p. 251). Embora com nascimento tardio, é evidente o incremento qualitativo que a atividade artística propicia nas tendências nascidas do trabalho, inclusive desenvolvendo-as.

Aproximando ao que distingue as formações superiores da maneira de reflexão da vida cotidiana, o esteta húngaro adverte: quando as formas superiores de objetivação passam a se submeter a elaborações fechadas em si, correm o perigo de não retroagirem sobre o cotidiano. O fato de não saírem de si mesmas, abandonando a tarefa de enriquecimento dos modos de reflexo do pensamento cotidiano, traz como consequência contraditória a criação de obstáculo que as impede de atingirem o âmbito de um comportamento decididamente superior.

Quando as objetivações superiores se fecham em si, desligando-se do cotidiano, tendem a deixar de ser objetivações superiores. Assim, inclinam-se apenas para formações fechadas em si mesmas que não dialogam com a vida humano-pedestre.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Estética* de Lukács considera que as objetivações superiores se desprendem do cotidiano. Sintetizemos então a relação teleologia, trabalho, causalidade: a teleologia, ou seja, a finalidade que se realiza pelo trabalho, somente pode se materializar quando há determinada causalidade que lhe possibilita a consecução. Isto é, toda intenção subjetiva, toda finalidade, toda teleologia, apenas encontra meio de se objetivar quando a materialidade correspondente permite. Em outras palavras, o trabalho guarda o cerne de realizar a teleologia, mas esta somente se concretiza perante uma causalidade materialmente adequada à intenção do sujeito.

Sobre esse debate, podemos repetir que o cotidiano é o solo onde se desdobra a práxis humana. Ele, para que não haja dúvidas, é o terreno que serve de sustentação dos desdobramentos da práxis humana. A práxis da humanidade, por sua natureza, tem como sustentáculo, como desenvolveu Marx

(1996), a economia. Para uma compreensão adequada da forma de pensar da vida cotidiana, contudo, foi necessário entender o que lhe dá sustentação, ou seja, tivemos que estudar o trabalho, pois é por meio do ato de trabalhar que o sujeito humano se põe socialmente no mundo.

Essa base possibilita a seguinte síntese: ao se desprenderem do cotidiano, as objetivações superiores, a exemplo da ciência, da arte, da religião, mas também a ética, ao serem guiadas por suas finalidades sociais específicas, acabam por se diferenciarem umas das outras. O progresso dessa diferenciação, sempre contraditório, atinge, a depender de cada especificidade, sua forma puramente diferenciada, sua maturidade como complexo social, sua subatividade para a vida humana, ou seja, as necessidades do solo cotidiano fazem brotar espécies superiores de objetivação. Quando tais superestruturas, por meio de suas contradições especificamente histórico-sociais, tornam-se substantivas para a vida humana, retroagem sobre a cotidianidade. Ao retroagirem sobre o tipo de pensamento da vida cotidiana, enriquecem o modo sempre espontâneo de pensar dos sujeitos que agem no cotidiano.

Como o cotidiano é o solo comum das atividades humanas superiores, portanto, é o terreno de onde as objetivações superiores se desprendem. É a cotidianidade que alimenta os reflexos científicos e artísticos, bem como as demais reflexões superiores. Pela importância que tem para a problemática, não podemos concluir sem repetir o seguinte: o comportamento do sujeito humano, perante as objetivações superiores, é distinto do modo como ele vivencia sua experiência espontâneo-cotidiana; a arte, a ciência, a religião e a ética, cada uma a sua maneira específica de refletir a realidade, são formas superiores de objetivação; as formas superiores de objetivação são complexos sociais que se relacionam de maneira diferenciada com os sujeitos humanos.

Foi também visto que as formas de reflexo da realidade, a exemplo dos sistemas de mediação, como analogia, inferência analógica, mimese etc., são processos de objetivação. Por meio de processos de aproximação e distanciamento, esses reflexos dotam o ser social da condição de entender mais e melhor o mundo que o rodeia e, assim, intervir em seu entorno. Logo, os **sistemas de mediação**, que são compostos pela articulação elaborada do

reflexo, dotam o sujeito humano da condição de compreender e, consequentemente, interferir na realidade.

O reflexo, como um sistema primário de mediação, é o **elo** que funciona na tentativa consciente de captação da realidade. Ele é distinto da realidade, pois é apenas a tentativa subjetiva de captação do real. A analogia e a inferência analógica, esta desprendida daquela, são sistemas de mediação compostos por reflexos que auxiliam o ser social na compreensão da realidade. Da analogia, portanto, desprendem-se as inferências analógicas.

A analogia e a mimese são formas de reflexo da realidade. A mimese, vale insistir, não é um reflexo exclusivo da esfera artística. Não podemos, contudo, entender esses reflexos como se eles fossem reproduções fotográficas que copiam mecanicamente, no pensamento subjetivo, a realidade.

Também escrevemos que os reflexos provenientes da forma de pensamento da vida cotidiana oscilam. Tais oscilações criam determinadas dificuldades para o adequado entendimento de onde começam e terminam as atividades vinculadas às abstrações superiores, como a ciência e a arte. Por isso, é importante mais uma vez repetir que esses dois complexos refletem a mesma realidade, que, por sua natureza, é refletida mentalmente pela forma de pensamento da cotidianidade.

Sem encerrar o debate, advertimos que se as objetivações superiores se fecharem em si próprias, tenderão a perder o caráter de objetivação superior. Inclina-se, assim, a sistemas fechados que abandonam o modo de existir do cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- HARTMANN, Nicolai. **A nova ontologia**. Tradução de Emilio Estú. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1954.
- LESSA, Sérgio. **Para compreender a Ontologia de Lukács**. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.
- LUKÁCS, Georg. **Estética**: la peculiaridad de lo estético. V. 1. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966a.
- LUKÁCS, Georg. **Estética**: la peculiaridad de lo estético. Problemas de la mimesis. V. 2. Trad. Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966b.
- LUKÁCS, Georg. **Estética**: la peculiaridad de lo estético. Categorías psicológicas y filosóficas básicas de lo estético. V. 3. Trad. Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1967a.
- LUKÁCS, Georg. **Estética**: la peculiaridad de lo estético. Cuestiones liminares de lo estético. V. 4. Trad. Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1967b.
- LUKÁCS, Georg. **Para a ontologia do ser social**. V. 13. Maceió.: Coletivo Vereda, 2018a.
- LUKÁCS, Georg. **Para a ontologia do ser social**. V. 14. Maceió: Coletivo Vereda, 2018b.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica à economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1996 v. 1, t. 1. (Coleção Os economistas.)